Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

A reconfiguração da nostalgia na sociedade em vias de midiatização[1]

The reconfiguration of nostalgia in society on the path to mediatization

Thiago Haas Carlotto

Palavras-chave: midiatização, nostalgia, circulação.

Introdução

Este trabalho resume o estado da arte da dissertação de mestrado homônima que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no diálogo com o grupo de pesquisa "A emergência das Zonas Intermediárias de Circulação e a reconfiguração discursiva do jornalismo", ligado ao "Grupo de estudos sobre narrativas literárias e midiáticas" (Genalim/CNPq). A proposta da pesquisa é acompanhar o processo de utilização da nostalgia na comunicação midiatizada e interpretar esse movimento.

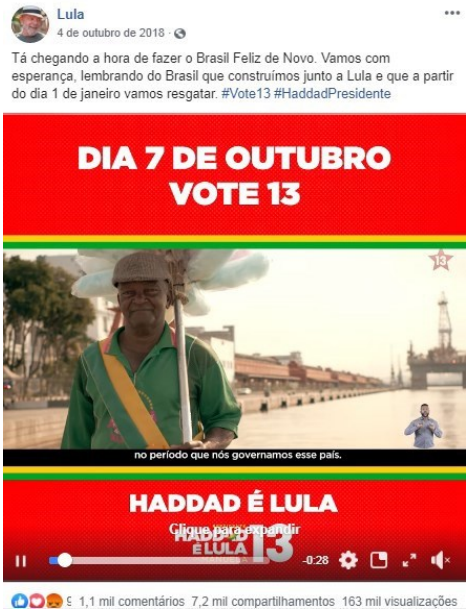
Chama-nos atenção a utilização da nostalgia a partir da campanha presidencial nas eleições presidenciais no Brasil, no segundo semestre de 2018. Isto é, como as campanhas dos candidatos Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), alinhado à esquerda, assim como Jair Bolsonaro (PSL), alinhado à direita do espectro político, lançaram mão de estratégias narrativas que remontam um tempo idealizado,

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

seja há 10, seja há 50 anos na história do Brasil, de forma a ofertar uma perspectiva de futuro à população. Vejamos em alguns recortes:

Figura 1. Durante a eleição, campanha do Partido dos Trabalhadores promete uma volta para uma época de felicidade



Fonte: Página oficial do ex-presidente Lula no Facebook.

Figura 2. Amostra de como o pleito repercutiu nos meios de comunicação estrangeiros



Fonte: site da revista Época.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Estes exemplos trazem alguns indícios da evolução do fenômeno: 1) uma estratégia comunicativa utilizada nas eleições; 2) elemento que repercutiu no imaginário sobre o pleito. Tratam-se, evidentemente, de fragmentos narrativos, mas que oferecem indícios sobre a própria reconfiguração da nostalgia - de um conceito aplicado na psicologia, como veremos adiante, a instrumento da comunicação política, que remete a um tempo idealizado e circula na comunicação midiatizada.

Entendemos que tal fenômeno se faz possível numa época de revolução no acesso às mídias, que permitem a exteriorização dos processos mentais em dispositivos tecnológicos, ou seja, um momento de emergência das semioses humanas, ou crescente midiatização da comunicação, como lembra Verón (2013). Tais mensagens circulam e são reconfiguradas na comunicação em rede, num movimento complexo, cujo sentido, acreditamos, emerge do feixe de relações que se constitui por meio da linguagem.

Esse sintoma nostálgico vem sendo identificado como expressão da sociedade progressivamente nas últimas décadas por teóricos como Gehlen (2017), Boym (2017) e Bauman (2017). O passo que propomos aqui é identificar e compreender o fenômeno onde ele ocorre atualmente, isto é no ambiente midiático, cuja teoria de fundo — a midiatização — propicia-nos um olhar sobre como se dão as relações comunicacionais, ou seja, uma perspectiva que permite caracterizar a nostalgia em sua articulação com as práticas sociais, por meio da mídia.

Nesta perspectiva buscamos compreender: 1) o que acontece quando a nostalgia é transformada em fenômeno midiático e passa a ser afetada pela processualidade da midiatização? 2) o que as narrativas que emergem deste contexto têm a dizer? Acreditamos que a forma como estas mensagens circulam formam um ponto relevante para compreender a contemporaneidade. Portanto, trabalhamos com dois conceitos-chave (nostalgia e midiatização. Vejamos como eles se constituem.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Nostalgia: de doença psicológica a sintoma contemporâneo

A nostalgia cria no presente um vínculo com outro tempo, uma temporalidade dada, estabilizada, da qual se conhece seus personagens e seu futuro. Trata-se de uma lembrança idealizada, ou uma fascinação com a própria fantasia causada por um sentimento de perda e deslocamento no presente, como diz a teórica de literatura comparada Svetlana Boym (2017) que a entende como uma emoção característica da nossa época.

Conforme a pensadora russa, esta palavra provém de duas raízes gregas: *nostos*, que remete "voltar à casa" e *algia*, "anseio" que, apesar de sua etimologia, foi criada pelo médico suíço Johannes Hofer, em sua tese de 1688 (BOYM, 2017). Ainda no século XVII, ela era considerada uma doença curável pelos médicos suíços que a diagnosticavam em empregados trabalhando na França e na Alemanha e soldados lutando no estrangeiro que sentiam saudades de sua casa. Nestes casos, os profissionais da saúde receitavam sanguessugas, emulsões hipnóticas quentes e ópio para aliviar os sintomas nostálgicos. Todavia, o que costumava ajudar era uma viagem às montanhas; mas nada se comparava ao retorno à terra natal, o que se acreditava ser o melhor remédio para curar os enfermos.

Se a melancolia se restringe à consciência individual, a nostalgia tem relação entre a biografia individual e a história de grupos ou nações, ou seja entre a memória pessoal e coletiva. Boym (2017), propõe três observações para compreender esse fenômeno na contemporaneidade:

1) A nostalgia não é anti-moderna, mas contemporânea à modernidade, pois é característica de uma nova compreensão do tempo e do espaço que faz a divisão entre local e universal possível;

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

2) Diferente do que propôs Hofer no século XVII, a nostalgia não diz respeito somente à saudade de um lar, mas a um anseio por um tempo diferente — o tempo da juventude, dos ritmos mais lentos da vida sonhada pelos homens. Em sentido mais amplo, ela é uma revolta contra a ideia moderna de tempo da história e do progresso contínuo, pois recusa-se à irreversibilidade do tempo que atormenta a condição humana. Desta forma, o passado pode não ser passado, mas sim um tempo melhor, mais lento, um "tempo fora do tempo", não sobrecarregado por uma agenda repleta de compromissos.

3) Nem sempre ela é retrospectiva, pois pode ser igualmente prospectiva. Isto porque as fantasias sobre o passado determinadas pelas necessidades do presente, têm impacto direto nas realidades do futuro. Logo, se as utopias futuristas podem estar fora de moda, a nostalgia tem uma dimensão utópica também, embora não dirigida apenas ao futuro e tampouco ao passado. Para a autora, o nostálgico é alguém que se sente sufocado dentro dos limites convencionais do tempo e do espaço. Estamos, portanto, diante de um objeto elusivo por sua própria natureza.

Boym (2017) alerta ainda que a nostalgia moderna, principalmente a política, tem um ponto paradoxal em sua manifestação. Se, de um lado, a universalidade da *algia* (saudade) tende a aumentar a empatia pelo próximo; do outro, o *nostos* (a volta para a casa), ou seja, a redescoberta da identidade em uma comunidade ou pátria pura e única, faz com que as homens se distanciam e encerrem a busca de um entendimento mútuo. Isto porque a promessa de reconstruir o lar ideal para alguns membros da sociedade está no cerne de ideologias que buscam envolver o pensamento crítico por meio de laços emocionais. Em suma: "O perigo da nostalgia é que ela tende a confundir o verdadeiro lar com aquele imaginado." (BOYM, 2017, p. 155).

Desta forma, podemos compreender a nostalgia como essa fuga do tempo presente, deslocado e incerto quanto ao seu futuro, que se relaciona diretamente com a

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

própria identidade do sujeito. Sua oferta de sentido, portanto, deve trazer alguns desses elementos para caracterizar essa forma de expressão.

A evolução dos fenômenos midiáticos

Para compreender alguns dos aspectos centrais da midiatização em perspectiva histórica, direcionamos nossa investigação ao pensamento do semiólogo argentino Eliseo Verón (2013). Isso porque o autor trabalha com a evolução das interações humanas desde o *Homo sapiens* e contrapõe, de um lado, processos de comunicação diretos (uma conversa entre dois indivíduos), e de outro, processos mediados, ou seja, quando há explicitamente um meio (um programa de televisão).

No seu argumento, Verón (2013) afirma que, em ambos os casos, existe um suporte material (a fala ou a tela de televisão) e uma materialização (no caso, uma forma sonora ou visual) diferenciada tanto da fonte como do sentido. Por conseguinte, ele conclui, não há comunicação sem mediação. A materialização de uma mensagem, então, resulta de uma sequência de operações técnicas, cujas propriedades materiais são desenvolvidas pelo homem em interação social.

Verón (2013) faz uma importante distinção entre os conceitos de mediação e fenômeno midiático. A mediação é um aspecto definidor da comunicação, resulta na materialidade sensorial, independente do suporte. Já o fenômeno midiático, existe a partir do momento em que os signos possuam, em algum grau, autonomia, tanto a respeito da fonte e do destino, e persistência no tempo, para além do momento de publicação e/ou exibição.

Quando a mensagem é materializada em um suporte, ela ganha autonomia, pode ser reaproveitada e reinterpretada para além da intenção do emissor e da interpretação do senso comum. Verón (2013) salienta que a escrita foi o primeiro processo que combinou, de um lado, a autonomização de signos linguísticos em relação à fonte

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

(autor) que os produz, e de outro, com a persistência da mensagem no tempo. Desta configuração, emergem processos de circulação de mensagens que afetam os vínculos entre a produtores e receptores, gerando uma complexa arquitetura comunicacional em que indivíduos, mídias e instituições sociais interagem de forma distinta àquela na qual os meios pautavam a comunicação pública.

Desta forma, a nostalgia midiatizada entra na rede de circulação, em que palavras-chave, gramaticas de produção e de reconhecimento interagem na construção dos sentidos.

> El concepto de circulación designa precisamente el proceso a través de cual el sistema de relaciones entre condiciones de producción y condiciones de recepción es, a su vez, producido socialmente. 'Circulación' es pues el nombre del conjunto de mecanismos que forman parte del sistema productivo, que definen las relaciones entre 'gramática' de producción y 'gramática' de reconocimiento, para un discurso o un tipo de discurso dado. (VERÓN, 1993, p. 20, grifo do autor).

Portanto, a emergência de fenômenos midiáticos, com autonomia e persistência no tempo dos signos materializados quanto aos seus emissores e receptores (VERÓN, 2013) reorganiza a arquitetura comunicacional, gerando uma nova ambiência (GOMES, 2017). Esta define a forma de acesso aos signos, por meio da circulação de narrativas, da interposição de dispositivos e da reconfiguração de lugares de fala, de forma complexa.

Logo, neste cenário de passagem dos processos mediáticos à condição de processualidade interacional de referência (BRAGA, 2007), a nostalgia, uma sensação sentida pelo indivíduo com relação à sua vida coletiva, emerge como estratégia significante que circula pela arquitetura comunicacional em rede e é afetada por ela. Desta relação emergem significados utilizados pela comunicação política, os quais buscamos compreender nesta pesquisa.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, c2017.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 23, jul. 2017. ISSN 1983-9928. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236/678>. Acesso em: 07 nov. 2019. doi: https://doi.org/10.15848/hh.v0i23.1236.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**: livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.

ÉPOCA. Disponível em: <https://epoca.globo.com/midia-estrangeira-cita-trump-nostalgia-da-ditadura-ao-falar-sobre-as-eleicoes-23137707> Acesso em: 30 dez. 2019.

GEHLEN, Arnold. A felicidade evadida: Uma interpretação da nostalgia. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 23, jul. 2017. ISSN 1983-9928. Disponível em: <https://historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1235>. Acesso em: 08 nov. 2019. doi: https://doi.org/10.15848/hh.v0i23.1235.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução = From media to mediatization: an evolving concept. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Intexto**, Porto Alegre, n. 45, p. 16-34, maio/ago. 2019. DOI: 16. 10.19132/1807-858320190.16-34. Acesso em: 30 dez. 2019.

VERÓN, Eliseo. **Interfaces**: sobre la democracia audiovisual evolucionada. 1998. Disponível em:

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

<https://www.insumisos.com/lecturasinsumisas/Democracia%20audiovisual%20contemporanea.pdf>. Acesso em: 20. Dez. 2019.

_____. **La semiose social 2**: ideas, momentos, interpenetrantes. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2013